

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CAMPUS PRESIDENTE DUTRA
CURSO LETRAS - LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
DE LÍNGUA PORTUGUESA

RAIANE LEANDRO DA SILVA

**O IMAGINÁRIO INFANTIL, KAFKA E A BONECA VIAJANTE: UM ESTUDO
PSICANALÍTICO**

Presidente Dutra

2023

RAIANE LEANDRO DA SILVA

**O IMAGINÁRIO INFANTIL, KAFKA E A BONECA VIAJANTE: UM ESTUDO
PSICANALÍTICO**

Monografia apresentada ao Curso Letras -
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de
Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do
Maranhão - UEMA / Campus Presidente Dutra, para
obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profª. Esp. Antônia Karine do
Nascimento Rosendo.

Presidente Dutra
2023

Silva, Raiane Leandro da.

O imaginário infantil, kafka e a boneca viajante: um estudo psicanalítico / Raiane Leandro da Silva. – Presidente Dutra, MA, 2023.

... f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, 2023

Orientadora: Profa. Esp. Antônio Karina do Nascimento Rosendo

1.Imaginário infantil. 2.Kafka. 3.Boneca viajante. 4.Angústia. 5.Cartas.
I.Título

CDU:343.224.1:159.964.2

RAIANE LEANDRO DA SILVA

**O IMAGINÁRIO INFANTIL, KAFKA E A BONECA VIAJANTE: UM ESTUDO
PSICANALÍTICO**

Monografia apresentada ao Curso Letras -
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de
Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do
Maranhão - UEMA / Campus Presidente Dutra, para
obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Esp. Antônia Karine do Nascimento Rosendo.

ORIENTADORA

Carliane Miranda Carneiro

Maria Odete da Silva Lima

Para toda minha muito amada família.

“Mudar é difícil, não mudar é fatal”.

Leandro Karnal

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tamanha bênção em minha vida, e não somente nestes anos, mas em outras e diversas situações de conquistas.

A minha família pelo apoio e carinho ao longo dessa caminhada e de minha vida. Ao meu amado filho Luís Otávio Leandro Queiroz, aos meus colegas de classe.

Aos meus professores (as) e a UEMA em sua direção e administrativo, naquilo que ofertou nesse tempo em termos de qualidade educacional. De forma muito especial agradeço a minha orientadora, a agradabilíssima Prof^a. Esp. Antônio Karine do Nascimento Rosendo.

RESUMO

Este trabalho teve como tema O imaginário infantil, Kafka e a boneca viajante: um estudo psicanalítico, em que voltou seu foco para aquilo que caracteriza a obra *Kafka e a Boneca Viajante*, numa perspectiva de que existe a suposição de que quando Franz Kafka estava passeando na praça Steglitz, por orientação médica devido a sua tuberculose ele tenha presenciado uma menininha chorando por ter perdido sua boneca, quando isso veio a acontecer logo durante sua aposentadoria, motivo de sua grande angústia, uma vez que um ano depois Franz faleceu. A pesquisa teve como objetivo identificar a relação do autor Franz Kafka com a obra *Kafka e a boneca viajante*, através de um estudo psicanalítico. Tendo como método de abordagem uma pesquisa de revisão bibliográfica, descritiva e analítica, apoiada em diversas publicações entre autores e documentos acerca do tema com natureza qualitativa. E como problema o foco foi: qual a crítica psicanalítica aplicada na obra *Kafka e a boneca viajante*? No que constata-se que conforme Kafka encontra a menina chorando motivada pela perda da sua boneca ele ficou extremamente comovido, no que disse que era um carteiro de bonecas, logo durante três semanas ele entregou cartas para ela em que estas contava sobre as supostas viagens da boneca, logo a menininha ao receber as cartas foi se animando e então aceitando a partida de sua boneca. No que foi identificado que a crítica psicanalítica foi aplicada na obra *Kafka e a boneca viajante*, a boneca na realidade é o Franz Kafka, este fato se comprova através das mensagens das cartas.

Palavras-chave: Imaginário infantil; Kafka; Boneca viajante; Angústia; Cartas.

ABSTRACT

This work had as its theme The children's imagination, Kafka and the traveling doll: a psychoanalytic study, in which it turned its focus to what characterizes the work Kafka and the Traveling Doll, in a perspective that there is the assumption that when Franz Kafka was walking in Stegliz Square, on medical advice due to his tuberculosis, he saw a little girl crying for having lost her doll, when this happened right away during her retirement, the reason for her great anguish, since a year later Franz died. The research aimed to identify the relationship between the author Franz Kafka and the work Kafka and the traveling doll, through a psychoanalytic study. Having as a method of approach a research of bibliographic review, descriptive and analytical, supported by several publications between authors and documents about the subject with qualitative nature. And as a problem the focus was: what is the psychoanalytic criticism applied in Kafka's work about the traveling doll? As it turns out that as Kafka finds the girl crying because of the loss of her doll, he was extremely moved, as he said he was a postman for dolls, so for three weeks he delivered letters to her in which they told about the supposed trips of the doll, soon the little girl, upon receiving the letters, became excited and then accepted the departure of her doll. As it was identified that the psychoanalytic criticism was applied in the work Kafka and the traveling doll, the doll is actually Franz Kafka, this fact is proven through the messages of the letters.

Keywords: Children's imaginary; Kafka; traveling doll; Anguish; Cards.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 METODOLOGIA.....	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1 As cinco fases do luto em Kafka e boneca viajante	13
3.2 A literatura e a psicanálise	17
3.3 Uma crítica psicanalítica a relação de Kafka e a boneca viajante.....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa expõe a temática: O imaginário infantil, Kafka e a boneca viajante: um estudo psicanalítico, com uma abordagem do inconsciente do de Franz Kafka, que é apresentado nas cartas da boneca Brígida para a sua dona Elsi Na obra de Jordi Sierra i Frabra.

Nesse sentido, as mensagens contidas nas cartas ele dizia que estava no momento boneca partir, pois ela já se sentia pronta, que teve uma mãe maravilhosa e que foi bem cuidada e amada. Uma vez que Kafka teve a sua vida afetada pela ausência da mãe devido ao trabalho na loja da família, o autoritarismo do pai, ele teve dificuldades de cortar os laços familiares, mesmo depois de se tornar adulto ele buscava a aprovação de Helmann seu pai.

Nesse contexto cabe destacar a importância da obra *Kafka e a Boneca Viajante*, existe a suposição de que quando Franz Kafka estava passeando na praça. Steglitz por orientação médica devido a sua tuberculose ele presenciou uma menininha chorando por ter perdido sua boneca, isso aconteceu durante sua aposentadoria que era o motivo de sua grande angústia, um ano depois Franz faleceu.

Desse modo, ao encontrar a menina chorando por ter perdido sua boneca ele ficou extremamente comovido e disse que era um carteiro de bonecas, durante três semanas ele entregou cartas para ela contando sobre as supostas viagens da boneca, conforme menininha recebe as cartas ela vai se animando e aceitando a partida de sua boneca.

Além disso, é notória a atenção acerca da problemática em questão elencada inicialmente na presente pesquisa, que volta-se para responder e fundamentar sobre: qual a crítica psicanalítica aplicada na obra Kafka acerca da boneca viajante?

Para tanto, observa-se nesse contexto, a necessidade de ter atenção maior para a importância da presente pesquisa, no que se justifica com base no atual cenário em envolve mais do que os aspectos propriamente ditos vistos de forma fácil, mas senão também elementos intrínsecos e que demandam para seu entendimento mais apuração nas leituras, nas obras e o pensamento nela contido.

Para tanto, foram utilizados desde obras históricas e atuais. Dentre as obras e documentos utilizados e consultados, constam de: Jordi Sierra (2009) sob a perspectiva psicanalítica de Jacques Lacan e do Winnicott, Elizabeth Kubler -Ross, Larissa Burmann Barcelos, Márcio Borges Moreira, Joana Felipe Pedro Marques entre outros. Assim, para o aprofundamento do conhecimento teórico, fez-se uma busca em várias fontes, por meio de livros, revistas científicas, artigos nacionais, anais de congressos, bem como a utilização de bibliotecas públicas e privadas e plataformas digitais, como Scielo, Periódicos Capes, Science.gov, no que enriqueceu mais ainda o trabalho.

O estudo teve como objetivo geral identificar a relação do autor Franz Kafka com a obra Kafka e a boneca viajante, através de um estudo psicanalítico. E de forma específica de: Conhecer a literatura com base em Kafka e a boneca viajante na relação do autor como personagem; Considerar uma crítica psicanalítica a relação de Kafka e a boneca viajante e Pontuar as cinco fases do luto na obra Kafka.

Assim, a obra mostra que criança sofre a perda dos vínculos com seu brinquedo, que para ela é mais que objeto, é pessoa real, O autor direciona-se às questões relacionadas às perdas, despedidas e reconciliações, estágios que fazem parte do grande mistério que é a vida, e os sonhos que devem ser incentivados para que possamos ir em busca de realizações estão contidos em toda a obra, em específico. Portanto, a obra conta com a imaginação, fantasia, ilusão, ética, moral, e a questão do relacionamento familiar, o autor brinca bastante com as viagens que não possuem ordem cronológica, com o rápido amadurecimento da boneca Brígida e com a consequência do autoritarismo.

A estrutura do estudo se deu com vista inicialmente uma introdução a pesquisa, seguido da metodologia usada, no que mais a frente consta da fundamentação teórica com detalhamento sobre: A literatura e a psicanálise, crítica psicanalítica a relação de Kafka e a boneca viajante e as cinco fases do luto. Logo depois finda-se com as considerações finais, seguidas das referências usadas e consultadas para a pesquisa.

2 METODOLOGIA

Com relação aos métodos utilizados nesta pesquisa, se caracterizou em uma pesquisa de revisão bibliográfica com um levantamento e fundamentação acerca da obra analisada e o pensamento psicanalítico do autor, sendo uma análise descritiva e analítica acerca da obra e natureza qualitativa, tomado como apoio a partir de autores renomados na área e suas obras, artigos, livros, dentre outros.

Posteriormente os dados foram levantados e estes foram compilados em uma estrutura em tópicos de forma que possa ser melhor entendida a pesquisa. No que foi exposta e discutida acerca da obra e uma análise da realidade interpretada a partir do que se pode notar e imaginar que descreve o autor.

Assim, este estudo trata-se de uma pesquisa, quanto aos objetivos de cunho descritivo. Segundo Gil (2010), tal pesquisa tem como principal objetivo a expansão do conhecimento acerca do tema em estudo, o máximo possível, podendo-se a partir de então.

Nesse sentido, o estudo tomou como base bibliografia livros, artigos e periódicos considerados relevantes para esse campo. Além de outras históricas e relevantes.

Desse modo, foi apostado em fontes como de bibliotecas públicas e privadas, sites de domínio público, plataformas científicas como Scielo e outras. Dentre os descritores para nortear a pesquisa partiu-se de palavras e expressões tomadas como representação para buscas nas seguintes: Imaginário infantil, Kafka, Boneca viajante, Angústia e Cartas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A sequência serve para perceber sobre a relação das situações que envolvem e dão significado acerca da de Jordi Sierra i Frabra (2009) sob a perspectiva psicanalítica de Jacques Lacan e do Winnicott, de forma mais constante e evidente, com vista os argumentos de alguns autores, no que seguem fundamentações nesse sentido.

3.1 As cinco fases do luto: um estudo

Neste segundo capítulo foi abordado o assunto sobre o luto, que é um conjunto reações emocionais, físicas, comportamentais e sociais, o luto é uma experiência pessoal, ocasionando tempo diferente em cada pessoa, podendo acontecer de várias maneiras, e intensidade.

Para a Psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross, os cinco estágio do luto, é classificada como a Negação, Raiva, Negociação, Depressão, Aceitação, onde descreve o processo de perda, não especificamente o indivíduo tenha que passar por todas essas fases e sequência.

Segundo Larissa Burmann Barcellos e Márcio Borges Moreira luto é perceber-se ao longo do processo de perda, transformando em real. Não significa que esse processo tenha início necessariamente após a perda e desapareça aos poucos, mas é um quadro de reações que se mistura e que se substituem.

Segundo Elisabeth Kübler-Ross, Ultimamente aconteceram mudanças, que, são responsáveis pelo crescente medo da morte, pelo aumento do número de problemas emocionais e pela grande necessidade de compreender e lidar com os problemas da perda.

Elisabeth Kübler-Ross Na perspectiva dos psiquiatras, é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra.

Esse tema é importante porque foi realizada uma pesquisa com pessoas em estágio terminal, classificando assim definidas cinco fases do luto. Fazendo um esclarecimento sobre o processo da perda, seja ela por ter perdido alguém ou algo significativo.

Larissa Burmann Barcellos e Márcio Borges Moreira:

Já Bowlby que, citado por Mikulincer e Florian em 1996, afirma que o luto é uma perda de vinculação significativa, mostrando a necessidade básica do ser humano em vincular-se com uma figura ou objeto significativo como segurança de vida.

Na perspectiva dos autores citado acima, o processo das cinco fases do luto não se prende somente ao morrer, mas também a questão do fato de perder um objeto, como a boneca Brígida, em Kafka e a boneca viajante de Jordi Sierra i Fabra.

Na obra sobre morte e morrer da Psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross ela define as cinco fases do luto

Segundo Larissa Burmann Barcellos e Márcio Borges Moreira, Na primeira fase do luto, negação, os autores relatam que a negação que o parente que perde alguém apresenta é diferente. A primeira fase do luto em para parentes que perdem um ente querido é mais simbólico, como não ter mais o ente querido na rotina que outrora ele participava.

Segundo Elisabeth Kübler-Ross A negação é utilizada pela maioria dos pacientes, as vezes nas primeiras fases da doença, em outros casos é usada depois da confirmação, ou até mesmo, num estágio posterior.

Negação atua como um para-choque logo após alguma notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se restabelece com o tempo, impulsionando outras medidas menos radicais.

-Por que a Brígida foi viajar sem mim?- perguntou, fazendo um bico de contrariedade.

-É que ainda não consigo acreditar que ela não está mais comigo-Elsi falava devagar, abrindo o coração, - Ontem à noite, quando me deitei, senti muito sua falta, porque costumava dormir abraçada a ela. E hoje de manhã também não pudemos brincar juntas.

Na segunda fase, a raiva, é apresentada de várias formas, tanto raiva pelo ente querido não ter se cuidado, ou do parente não ter cuidado direito do ente

que estava doente, ou por não ter previsto todo o ocorrido, e quando o fez já não poderia fazer mais nada.

No segundo estágio depois que recebe a notícia, o paciente não acredita que é verdade, não acredita que a situação está acontecendo. Logo depois o pensamento é substituído pelo pensamento de que não foi engano. São a minoria que permanecem sem acreditar sobre seu laudo.

-Ela nunca me disse isso - Elsi continuava com um bico enorme, beirando a recaída no desconsolo.

Na terceira fase, a barganha se apresenta antes da morte do ente querido como promessa, Nesse caso, a culpa é companheira da barganha, pois traz o sentimento de culpa. . A barganha também pode se apresentar como forma de aliviar a dor.

O terceiro estágio, o da barganha, é o menos conhecido, mas da mesma maneira útil ao paciente, ainda que por um tempo muito curto. Quase sempre espera um prolongamento da vida ou deseja alguns dias sem dor ou sem males físicos.

A barganha, é na verdade, uma tentativa de adiamento; como se tivesse que incluir um prêmio concedido "por bom comportamento", determina também uma "meta" auto-imposta e inclui uma promessa implícita de que o paciente não pedirá outro adiamento, caso o primeiro seja concedido.

A maior parte das barganhas são feitas com Deus, são geralmente conservada em segredo, promessas de mudanças, de uma vida dedicada a Deus troca de um pouco mais de tempo de vida, caso os médicos conseguisse prolongar-lhes a vida.

As promessas podem estar ligada a uma culpa. Por conseguinte esses pacientes devem passar por observações, não deve ser menosprezadas, um capelão ou um médico, dedicado pode investigar se o paciente está sentindo culpa por não ter frequentado a igreja, ou se existem desejos mais profundos e inconscientes que aceleraram tais culpas.

-Ela não vai voltar-interrompeu Elsi.

Na quarta fase, a depressão se apresenta como sentimento de tristeza profunda que parece durar para sempre, mas nem por isso é identificada como uma doença mental, é apenas proporcional ao contexto ao qual a pessoa está vivenciando.

Quando o paciente em fase terminal não pode mais negar sua doença, é submeter-se a mais uma cirurgia ou hospitalização, começa a manifestar novos sintomas e torna-se mais debilitado e mais magro, não pode mais disfarçar a doença, sua revolta e raiva cederão lugar a um sentimento de grande perda.

Quando a depressão é uma preparação da perda de todos os objetos amados, ajuda facilitar aceitação, a motivação e a confiança não têm razão no momento. O paciente não deveria ser incentivado a olhar o lado risonho das coisas, pois isto significaria que ele não deveria contemplar sua morte iminente.

Franz Kafka ficou com a mente em banco e o coração apertado. A carta tinha sido um parto. Com dor. Um parto carregado de espinhos com a melhor das intenções: devolver a paz à alma de uma menina ferida.

Na última fase, a aceitação não é a aceitação da morte de alguém, mas aceitar que essa pessoa não está mais fisicamente presente, aceitando essa ausência de forma permanente. É o momento em que o indivíduo acredita que é impossível alcançar.

Um paciente que teve um tempo necessário, teve ajuda para superar, alcançara um estágio em que não mais apresentará depressão nem raiva quanto a seu "destino". Terá podido externar seus sentimentos, sua inveja pelos vivos e sadios e sua raiva por aqueles que não são obrigados a enfrentar a morte tão cedo.

Aceitação não é mesmo que o estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do "repouso derradeiro antes da longa viagem", É o período em que a família precisa de apoio, mais do que o próprio paciente.

-estou muito contente.

-agora sim ela é totalmente feliz- suspirou Elsi.

-Brígida estava sozinha, agora não está mais. Sei que Gustav vai fazê-la muito feliz. O jeito como fala dele, do que sente, do que quer dividir ao seu lado...

Segundo Joana Filipa Pedro Marques vivência do luto é fundamental para a reorganização e reconstrução diante da quebra do vínculo. Desafiante psiquicamente, emocionalmente e cognitivamente, porém necessário para ressignificação da relação com o objeto perdido.

Joana Filipa Pedro Marques também há processo de luto relacionado com perdas de relações interpessoais, de ideia, de material, tudo que o indivíduo perde,

mas não consegue desvincular-se causando sofrimento. Esse sofrimento causado pela dor da quebra desse vínculo é comparado pelo mesmo sentido com o luto por morte.

Joana Filipa Pedro Marques não nascemos preparados para morrer e perder, as perdas se faz necessário para o crescimento, para qualquer fase da vida perder é doloroso e muitas das vezes traumático, a perda remete ao abandono e a desistência.

Aceitar essa realidade da perda se faz preciso. Por um lado, como o luto, ela é a reação à perda real do objeto de amor, mas além disso está comprometida como uma condição que falta no luto normal ou que, quando ocorre, o converte em luto patológico (Freud, 2011, p.64-65).

Marleide de Santana. Há dois tipos de perdas; a real quando há morte de uma pessoa ou algo concreto como perda de vínculos com pessoas ou objetos, e a perda simbólica que são perdas de natureza psicossocial.

O luto constitui-se em processos complexos, o olhar sobre o enlutado é investigatório das condições irregulares e inconstantes no quadro sintomático apresentado, o luto é importante para manutenção da saúde mental do enlutado.

Segundo Freud (1913, p.65) “O luto tem uma tarefa física que precisa cumprir: a sua missão é deslocar os desejos e lembranças da pessoa que faleceu”. Assim como as crianças passam por fases para um desenvolvimento saudável, as etapas do luto precisam ser vivenciadas para não permear danos psíquicos.

Também sentimentos não comuns diante da perda, como alívio correlacionado pela culpa; ao mesmo tempo em que há uma resistência em entrar no processo de enlutamento, há alívio mediante o que o objeto perdido representava,

Cito Franz Kafka “Nossa salvação é a morte, mas não está. O aforismo mostra nossa possibilidade de morrer e renascer no decorrer de uma mesma vida” e desta maneira que valoriza a palavra morte precisamos através do tratamento psicanalítico levar a morte o próprio luto. Luto este gerado e formado diferentemente particular e direcionado, mutável de indivíduo para indivíduo, e minar e promover a queda deste amontado de fatores externos que se somam a fatores internos, levando à sintomas na grande maioria dos casos exacerbados, levando ao

sofrimento profundo e doloroso por períodos de tempos longos, tão longos que em alguns casos levam à morte precoce de quem os carrega.

3.2 A literatura e a psicanálise

A literatura é parte integrante e significativa de enredos que perfazem um conjunto de informações que podem ser exploradas numa perspectiva psicanalítica, com vista o teor que envolve sentimentos e relações como situações e condições internas do indivíduo, seus pensamentos, suas emoções, sua personalidade enquanto ser humano.

Para Da Silva *et al.* (2020, p. 40) em que afirmam:

Textos de fundamentação teórica nas áreas de Letramento Literário, Literatura Infantil, Filosofia e Psicanálise, em que especialistas nos apontam caminhos possíveis para o desenvolvimento do leitor literário, com a aplicação de práticas que o estimulem a gostar não apenas de ler, mas também compreender o que se lê.

Nessa lógica dos autores acima complementa segundo Felman que a literatura é o meio pelo qual os autores expressam seus sentimentos, já a psicanálise é um processo clínico e terapêutico, a literatura é a forma mais utilizada pela psicanálise:

A literatura é a linguagem que a psicanálise usa para falar de si mesmo, para dar nome a si, a literatura não está fora da psicanálise já que motiva e nomeia os seus conceitos, e a referência pela qual a psicanálise denomina suas descobertas (Felman, 1982 p. 9).

Desse modo, por meio da cativante história, seja ficção epistolar feita de cartas reais jamais encontradas e que transformou Kafka por algumas semanas em um "carteiro de bonecas", ganhou formato de história na pena de Jordi Sierra i Frabra, autor do livro premiado na Espanha: *Kafka e a Boneca Viajante* (2009).

Cabe relatar que num certo dia Kafka presenciou uma menininha chorando, e se solidarizou perguntando qual o motivo do choro, Elsi disse que tinha perdido sua boneca, ele não queria que aquela menina ficasse triste, então inventou que era um carteiro de bonecas e que Brígida (a boneca) tinha viajado, a luz da psicanálise compreende-se que essa atitude dele não partiu do acaso, no seu

inconsciente ele guardava sentimentos tristes que estavam relacionados a ausência dos pais na infância, ele conhecia a saudade e sabia o quanto era ruim senti isso na infância.

Nesse caso, usa-se o conhecimento sobre a sua biografia principalmente na infância; procura-se captar as motivações inconscientes do processo criador, reconhecer a solidariedade profunda que une a vida de um homem e sua produção artística.

O autor menciona que existe uma relação simples entre a psicanálise e a literatura. Certa ou errada, a teoria freudiana considera que todo comportamento humano é motivado pela fuga da dor e busca do prazer. A razão pela qual a maioria das pessoas lê poemas, romances e peças, está no fato de elas encontrarem prazer nessa atividade.

Na construção de um sentido na leitura, cada leitor é como um intérprete particular movido por um desejo inconsciente que pertence apenas a ele. Assim como o prazer de escrever provém de algo interno do escritor, é a mesma relação do escritor com a leitura.

Para Freud, uma experiência muito forte no presente desperta no escritor criativo uma lembrança, geralmente de sua infância, da qual vai se originar um desejo que encontra realização na obra criativa. Analisar com ênfase as lembranças infantis da vida do escritor deriva-se da suposição de que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação ou substituto do que foi o brincar infantil.

“Sua boneca não se perdeu – disse Franz Kafka alegremente. – ela foi viajar!” (Jordi Sierra i Fabra, 2006). Há momentos em que as pessoas passam por determinadas situações que lhes pegam de surpresa e acabam agindo de uma forma inesperada, foi exatamente o que aconteceu com Kafka ao ver aquela menina chorando, ele não teve muito tempo para pensar, ele apenas agiu com o impulso da emoção.

Segundo Lacan:

(...) as palavras são fórmulas mágicas. Elas deixam no cérebro impressões digitais, capazes de se transformar num gesto de mão, em pegadas, as da história. É preciso atender para cada palavra (Lacan, 1991, p. 23).

Considerando essa afirmação nota-se que o que Franz fez foi valer-se das palavras para tornar a Brígida presente na vida de Elsi, através de sua narração a menina conseguia imaginar tudo que sua boneca estava fazendo. Assim, expressam os autores abaixo que:

Se a interdisciplinaridade foi condição necessária para a construção do campo psicanalítico, a transdisciplinaridade forneceu elementos que justificam sua presença na universidade. Ao estabelecer pontes com diferentes campos, fazendo aquele edifício teórico ser atravessado por marcas outras e modificarse (Coutinho; Fonteles, 2019, p. 7).

A atitude de Kafka chama atenção pelo gesto de compaixão e amor ao próximo naquela cena, ele poderia simplesmente deixar passar por despercebido, deixar a menina em pranto de choro, desconsolada, mas ele não pensou nessa possibilidade, e ainda deixou traços de sua própria história nas cartas.

O olhar foi de incredulidade. A surpresa completa. Mas era uma menina. Os pequenos querem acreditar. Precisam acreditar. Em seu mundo, a desconfiança humana ainda existe. É um universo de sóis e luas, de dias encadeados, cheios de paz, amores e carinhos (Jordi Sierra i Jabra).

Elsi era uma menina inteligente, ela estranhou o fato de Franz Kafka ser carteiro de bonecas viajantes, de primeiro instante, ela o questionou sobre os carteiros entregarem cartas em casa, Kafka foi ligeiro, e lhe falou que carteiros de bonecas não, por que alguém poderia ler as cartas, então a menina Elsi se entregou para ao jogo da imaginação.

E para isso, precisa desenvolver a capacidade de ser criativo, de modo a liberar o trabalho da imaginação — criar o mundo e torná-lo significativo e real, de modo vivaz, polissêmico. Com isso, Elsi e Kafka, paciente e terapeuta, inauguram um novo lugar, pleno de sentidos, de modo que as experiências, disruptivas ou não, possam ser integradas verdadeiramente, transformando-se em histórias que podem ser narradas e, assim, ressignificadas (Perrotta; Cintra, 2014, p. 12).

É a partir desse momento que a crítica psicanalítica atua na obra, Jacques Lacan concede o inconsciente de forma mais livre, dessa maneira o sujeito torna-se falante, assim ele relaciona o inconsciente com a linguagem, o inconsciente é estruturado na linguagem da obra.

De fato, o jogo só foi possível porque Elsi era uma menina saudável era capaz de brincar, de sentir prazer com a brincadeira, ou de manter-se na área intermediária entre o campo subjetivo e o que é objetivamente percebido, e ainda de aceitar diferença e similaridade – base para o estabelecimento da função simbólica (Winnicott, 1975, p. 45).

Esse jogo de imaginação com a menininha Elsi só foi possível porque ela teve uma infância agradável, conseguia usar a imaginação, mesmo Franz Kafka sendo um adulto, que se denominou carteiro de bonecas viajante e que se dispôs a lhe ajudar.

Franz Kafka sentiu como se fosse sua obrigação, fazer algo para que a menininha não passasse por aquele momento angustiante, pois ele se viu protagonista daquele cenário, onde ele foi fortemente afetado com o autoritarismo de seu pai e o fato dele está apresentado devido a tuberculose.

A possibilidade de construir conhecimento, tanto epistemológico quanto ontológico, por meio de um processo criativo, sempre é viabilizada no ato de narrar e ouvir histórias, uma vez que essas ações também geram conexão com o conhecimento prévio, com as experiências e as impressões do mundo que o contador e o ouvinte carregam (Hodgson, 2018, p. 2).

Como acima registrado, a exemplo na obra em análise, a pequena Elsi ao ver Kafka se aproximando dela não recuou, ela poderia achar que Kafka, era uma pessoa má, ou até louco, mas não, ela se sentiu segura com ele, encontrou em Kafka uma pessoa que poderia ajudar a amenizar o seu sofrimento e foi exatamente o que aconteceu, ele com sua brilhante ideia fez com que a menina parasse de chorar.

As histórias contadas nas cartas têm em suas formas e conteúdos sensibilidade exacerbada, ainda que por intermédio de outro autor, de todo modo apenas por se saber que Kafka realmente demonstrara interesse na dor de uma pequena criança, é evidente a sua sensibilidade e a sua fragilidade diante de uma pequena semelhante.

Através das mensagens contidas nas cartas percebe-se que Kafka expressou seus próprios sentimentos, fica implícito que ele conhecia a mesma dor que a menininha Elsi estava sentindo, esse sentimento lhe era familiar, o autor das cartas sentia vontade de experimentar algo novo, de viver a vida intensamente, mas não tinha coragem.

Segundo Winnicott (1975) as mensagens na carta diziam que a boneca se sentia pronta para vivenciar novas experiências e que sua partida só foi possível por que Elsi tinha sido uma boa mãe, Brígida já era capaz de enfrentar as dificuldades da vida, igual a uma filha que sai da casa de seus pais, algo esperado para a vida adulta.

Winnicott (1975) ainda chama o inconsciente de repressão, para ele é quando acontece a perda da consciência, trata-se dos sentimentos, memórias, e ideias, que ocasionam a dor, que quando vai para a consciência, o amor e o ódio coincidem, às memórias da infância dolorida de Kafka, é transmitida para a obra.

Levando em consideração a linha de pensamento de Jacques Lacan (1991) e de Winnicott (1975) a vida do autor Franz Kafka influenciou a criação da obra a boneca viajante, contém nela misto de lembranças negativas da infância, de sentimentos expressados nas cartas escritas para a boneca.

O livro chama a atenção principalmente do público Juvenil, pelo fato de ser um romance em que uma boneca se apaixona em uma de suas viagens e se casa, o que pode ser considerado um final esperado e bem típico de todos os romances, o que também chama a atenção dos adultos por ter sido uma reformulação das cartas verdadeiras.

Na obra trata do imaginário infantil a partir da relação que o autor faz com as cartas numa perspectiva psicanalítica, uma vez que aborda da funcionalidade e implicações acerca do imaginário infantil, buscando identificar a relação do autor com a obra, baseando-se nos conceitos da crítica psicanalista, conforme o conceito do inconsciente de Jacques Lacan e do Winnicott, como acima como são mencionados.

3.3 Uma crítica psicanalítica a relação de Kafka e a boneca viajante

Ao buscar compreender sobre a imaginação na ficção Kafka e a boneca viajante de Fabra Sierra, ele conta a história vivenciada por Franz Kafka, que em um certo dia presenciou uma menininha chorando, por ter perdido sua boneca, Kafka então decidiu consolá-la, inventando que sua boneca tinha viajado, que a enviaria cartas para ela, denominando-se um carteiro de bonecas.

Segundo Juan José Saer (2012) a ficção não é, portanto, uma reivindicação do falso. Mesmo aquelas ficções que incorporam o falso de um modo deliberado – fontes falsas, atribuições falsas, confusão de dados históricos com dados imaginários etc. –, o fazem não para confundir o leitor, mas para assinalar o caráter duplo da ficção que mistura, de uma forma inevitável, o empírico e o imaginário.

No entanto, a ficção não pede para ser crível enquanto verdade, e sim enquanto ficção. Esse desejo não é um capricho de artista, mas a condição primeira de sua existência, porque somente sendo aceita como tal é que se compreenderá que a ficção não é a exposição romanceada de tal ou qual ideologia, e sim um tratamento específico do mundo, inseparável da matéria de que trata.

Por isso, não podemos ignorar que nas grandes ficções do nosso tempo, e talvez de todos os tempos, está presente esse entrecruzamento crítico entre verdade e falsidade, essa tensão íntima e decisiva, não isenta nem de comicidade nem de dramaticidade, e que é a ordem central de todas elas, às vezes explicitada tematicamente e às vezes como fundamento implícito de sua estrutura.

Dessa forma, fica nítido que o autor utiliza-se de suas vivências e lança em suas obras, fatos que aconteceram na sua vida, e muitas das vezes são fatos do seu passado. Isso, Bakhtin (2006, p. 60) corrobora nos trazendo a possibilidade de refletir que o aspecto efetivamente material do passado não se modifica, no entanto, o aspecto expressivo, falante, pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo.

Nas mensagens das cartas, contém fragmentos que apronta que Kafka transmite seus sentimentos e aflições inconscientemente, que ele se via naquele triste cenário que a menina estava passando, angustiada sentindo a falta de sua querida boneca, que para ela era algo mais importante.

O livro “Kafka e a Boneca Viajante”, de Jordi Sierra i Fabra (2009), temos a narrativa sobre como o livro, foi concebido pelo autor, mobilizado pela beleza em si do gesto de Kafka, o próprio gesto, embora não documentado, e a recriação do suposto encontro de Kafka com uma garotinha que havia perdido sua boneca.

A obra a boneca viajante, se tornou um refúgio para o autor Franz Kafka, nela ele criou o mundo ideal, onde a boneca Brígida era corajosa e viveu muitas aventuras, já Kafka não se aventurava porque tinha medo do novo, e devido o medo

ele era emocionalmente dependente de seus pais, precisava de suas permissões para tomar alguma decisão.

E por coincidência eles se encontraram, havendo uma sustentação do sofrimento de Elsi, onde ela estava sofrendo a dor pela perda de sua boneca, no mesmo momento Kafka sentia a dor do luto pela perda da infância, ganhou contornos justamente em um banco desse parque.

Analisando que o encontro entre Kafka e Elsi adquiriu valor terapêutico, de evidenciou o a angústia e frustração advindos da perda, fazendo uma analogia, concluir que, certamente, o objeto que excitava a voracidade de Elsi eram as cartas de Brígida.

O aspecto benjaminiano premiado pela história de Sierra i Fabra (2009) é a ressignificação do passado a partir do olhar do vencido, do oprimido. No livro, o passado é construído a partir do olhar do escritor-narrador, pela imaginação, empregada nas cartas, no diálogo com a criança Elsi.

O autor direciona-se às questões relacionadas às perdas, despedidas e reconciliações, estágios que fazem parte do grande mistério que é a vida, e os sonhos que devem ser incentivados para que possamos ir em busca de realizações estão contidos em toda a obra literária.

É no campo literário em que os autores expressão seus sentimentos, já a psicanálise é uma atuação clínica e terapêutica, a literatura é a forma mais utilizada pela psicanálise.

No trabalho de interpretação de uma obra literária, cuida-se do encontro de duas subjetividades, ou seja, do que pode ser produzido, como sentido, a partir do que permanece subliminar na materialidade do texto e que se faz presente em suas "brechas". Estas não são uma "sobra" ou algum elemento aquém ou além do texto. Ao contrário, fazem parte dele.

Isto não é um detalhe quando se fala desde a psicanálise. Ao contrário, trata-se de um elemento central no processo de constituição de uma interpretação à medida que remete àquilo que escapa à representação, mas a determina. Ocupo-me, portanto, aqui das bordas da materialidade do texto, no "espaço" entre o texto e o que sobra dele.

A literatura é a linguagem que a psicanálise usa para falar de si mesmo, para dar nome a si. A literatura não está fora da psicanálise já que motiva e nomeia os seus conceitos. "E a referência pela qual a psicanálise denomina suas descobertas" (Felman, 1982, p. 9).

Literatura que é perpetuada e lida mundo afora, apesar do desejo do autor, ainda em vida – quando da ocasião de sua morte –, de que todos os seus escritos não publicados fossem queimados; felizmente, esse desejo não foi atendido pelo seu agente e sua última companheira.

O autor Franz Kafka se refugiava na literatura, nela que ele, expõe suas críticas, até mesmo os seus sentimentos, angústias, o aconteceu com a literatura de Kafka.

Na visão de Winnicott (1982) Kafka ficou bastante comovido, não era qualquer choro, era algo mais dolorido, ele não queria que a menina continuasse sentindo aquela dor, e ligeiramente teve a brilhante ideia de falar que a boneca tinha deixado uma carta explicando o motivo de ter partido sem se despedir.

Para esse autor, a elaborar a teoria psicanalítica e ao lançar mão dela na clínica com seus pacientes, Freud queria alcançar os sentidos das fantasias, dos "pensamentos originais" que mobilizavam os sujeitos em seus atos, atitudes e sintomas.

O diagnóstico em psicanálise além de ser estrutural é também sob transferência, o que exige do analista um trabalho de produzir certa fala que possa indicar algo da posição do sujeito na fantasia. Falamos de um endereçamento da fala, de uma ultrapassagem dos fenômenos que nos permite formular um diagnóstico como função terapêutica e concomitantemente nos afasta das caricaturas engendradas pelos manuais como padrões de sofrimento psíquico.

Enquanto objeto de análise propriamente dito, o estudo da criação literária permitiu o retorno à clínica. A análise do processo criativo, iniciada com a autoanálise de Freud e dos seus sonhos, direcionou-o para a descoberta da presença de mecanismos psíquicos comuns aos sonhos, à criação literária, aos mitos e aos sintomas histéricos, a saber: o papel do trabalho do inconsciente; a dinâmica entre conteúdos manifesto/latente; a presença das lembranças infantis, individuais/coletivas.

A criação literária, à semelhança de todos os fenómenos psíquicos, é multideterminada. Ela pode representar uma expressão da conflitualidade psíquica, um sintoma, mas também pode constituir a expressão de uma parte saudável da mente.

Nessa mesma linha de pensamento Freud o pai da psicanálise, acreditava que poderia ter acesso ao íntimo do indivíduo, dessa forma descobrir o que motivou a pessoa a ter um recalque, e as influências que os autores transmitem nas suas escritas (Winnicott, 1982).

O que foi registrado inconscientemente, na perspectiva de Winnicott (1982), foi uma interrupção, um apagão, na ausência da experiência pessoal do self. Winnicott (1988/1990) “iria escrever sobre o inconsciente como, entre outras coisas, um lugar onde privações foram mantidas” (1975, pp. 21-22).

Para Freud o inconsciente é bem complexo, e está extremamente ligado ao sistema psíquico, já Winnicott o inconsciente do ser, está relacionado com o ambiente e com os sentimentos entre a criança e de sua mãe.

O rastro do inconsciente do escritor, presente de forma subliminar, ecoa e se encontra com outros rastros do indizível no trabalho de produção de significado: leitor, sua memória, a cultura na qual o texto está inserido. Nessa relação e por meio dela, produz-se um outro texto ou, de outra forma, este adquire sentidos possíveis, tão variados quantos forem os leitores e as relações construídas

Neste capítulo, trabalha-se o autor Jordi Sierra i Fabra, que se emocionou com a história de autor, que se dedicou a escrever cartas para uma menininha, que não há vestígios dela e nem das cartas, e Jordi se comprometeu recriar as mensagens que havia nas cartas.

Kafka o qual se cativou ao vê a menina chorando, ele não quis deixar ela em prantos de choros, se sentindo angustiada, pelo fato de ter se visto protagonista da cena, ele sofria desde a infância, pois o autoritarismo de seu pai Hermann o afetava muito ele não conseguiu ter uma vida “normal” teve dificuldades na vida amorosa.

Outro motivo que o fez sofrer, é que foi diagnosticado com tuberculose, então teve que se apresentar, ele se sentia inválido, vivia fraco devido a doença, por orientação médica, Kafka tinha que tomar ar puro, assim ele ia todas as manhãs no parque Stiglitz, onde encontrará a menininha.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, cabe frisar que a temática que acerca da ficção desenvolvida na obra, pode-se afirmar que o autor descreve uma realidade em que este é a própria personagem que participa da história.

Desta forma, a pesquisa chega ao seu final cumprindo ao seu propósito ao caracterizar a infância atual em detrimento do pensamento exposto na obra em que a boneca viajante, se tornou um evidente refúgio para o autor Franz Kafka, logo nela ele criou o mundo ideal, em que descreve onde a boneca Brígida que era corajosa e viveu muitas aventuras.

Doutro modo, percebe-se que Kafka não se aventurava devido ter medo do novo, e, sobretudo pelo fato do medo dele ser emocional e alinhado ou dependente de seus pais, o que o forçava moralmente ter permissões para tomar alguma decisão em sua vida.

Percebe-se que então no detalhamento da obra das coincidências, como do autor e personagem se encontrar com a personagem principal e assim sustentar o do sofrimento de Elsi, em que nessa situação ela estava sofrendo a dor pela perda de sua boneca, e ao mesmo tempo Kafka sentia a dor do luto pela perda da infância.

Assim, a problemática da pesquisa ganha vasão como resposta no que confere de uma parceria ou maior proximidade de planos e atividades ligadas ao que se analisa no encontro entre Kafka e Elsi, uma vez que essa relação adquiriu valor terapêutico, em que mostra da angústia e frustração advindos da perda, entre as duas personagens, logo faz uma analogia, no que conclui certamente que o objeto que excitava a voracidade de Elsi, de certo eram as cartas de Brígida, como narrado.

Para tanto, a história mostra ser espaço para uma resignificação do passado a partir do olhar do vencido, do oprimido, entre outros que sofrem em suas emoções e pensamentos. A partir de então, nota-se que o passado é construído com base no olhar do escritor-narrador, seja pela imaginação, ou exposição de ideias, em que são empregadas nas cartas, direcionadas e dialogadas com a criança Elsi.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. J. M. (2019). Psicanálise e criação literária. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, 39(2), 74-78.
- BRANDINO, Luiza. **Franz Kafka**. 2022. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/franz-kafka.htm>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Mikhael Bakhtin. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- COUTINHO, D. M. B.; FONTELES, C. S. L. (2019). A perspectiva transdisciplinar da psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 35.
- DACORSO, Stetina Trani de Meneses e. **Psicanálise e crítica literária**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 33, p. 147-154, jul. 2010.
- DA SILVA, Francisca Yorranna *et al.* Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários (2020: Fortaleza, CE). **Anais do XVII Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários – A literatura e a condição humana: questões transdisciplinares – 7 e 8 de dezembro de 2020**. / Organização: Francisca Yorranna da Silva, Bárbara Costa Ribeiro, Fernângela Diniz da Silva e Prof. Doutor Yuri Brunello. – Fortaleza: UFC, 2020. 269 f.
- Dunker, Christian Ingo Lenz e Kyrillos Neto, Fuad. A crítica psicanalítica do DSM-IV: breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2011, v. 14, n. 4
- DE SOUSA, Rafael Barros. Kafka e a boneca viajante de Jordi Sierra i Fabra: uma história misteriosa e inspiradora para práticas de leitura e escrita criativas. **Anais do XVII Encontro interdisciplinar de estudos literários realizado pelo programa de pós-graduação em letras da UFCE no ano de 2020 na modalidade on-line**, p. 51.
- DE GODOY BORGES, V. (2021). Relação luto e sociedade em suas diversidades de conceitos: Amor o luto capcioso. **Revista Caparaó**, 3(1), e39-e39.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a **Morte e o Morrer**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1969.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Morte** – estágio final da evolução. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- FABRA, Jorge Sierra I. **Kafka e a Boneca Viajante**. São Paulo: Martin Editora e Livraria LTDA, 2009.
- FELMAN, Shoshana. **Jacques Lacan and the Adventure of Insight: Psychoanalysis in Contemporary Culture** (1982).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6º Ed. São Paulo: Atlas S/A, 2010.

HODGSON, Lilian Mello. A contação de histórias revisitada e o aprendiz emancipado por meio da teoria dos multiletramentos. **Revista Philologus**, Ano 24, N° 72. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2018.

LACAN, J. (1991). **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. (A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. (Trabalho original publicado em 1959-60).

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Joana Felipe Pedro. **As cinco fases do luto**. Editora do Instituto Waden4, 2022.

PEROTTA, Claudina Mazzine. **Kafka, Winnicott e a Boneca Viajante: perder, narrar, resgatar**. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/XJZjkzWshMfq68XwvCht3bJ/?lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2022.

PERROTTA, Claudia Mazzini; CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. Kafka, Winnicott e a Boneca Viajante: perder, narrar, resgatar. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, p. 943-956, 2014.

PIMENTA, Tatiana. **O que é psicanálise**: entenda os conceitos e abordagens básicas. 2020. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/o-que-e-psicanalise/amp/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

RAVELI, F. A. (2019). Entre a literatura e a psicanálise: considerações sobre a "escuta" da ficção. **Ide**, 41(67-68), 113-116.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Revista Fronteira Z**, São Paulo, n. 8, julho de 2012.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1985.

WINNICOTT, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In **O brincar e a realidade** (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1953).

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. – 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013. 134 p. ISBN: 978-85-7988-111.